

Educação e a pesquisa etnográfica crítica: a qualidade das relações entre os sujeitos

Education and critical ethnographic research: quality of relations among subjects

Júlia Pereira Damasceno de Moraes¹
Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC)
julinha_damasceno@yahoo.com.br

Geraldo Augusto Locks²
Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC)
geraldolocks@gmail.com

Resumo: Este artigo resulta de uma pesquisa qualitativa-etnográfica-crítica realizada em um Programa de Mestrado em Educação de uma universidade do interior de Santa Catarina, em 2018. Os sujeitos de pesquisa são associados a uma Cooperativa de Catadores de Materiais Reciclados. No concernente à metodologia adotada para a escrita desse artigo, evidenciou-se que a abordagem qualitativa, em que a releitura do texto dissertativo, de referências bibliográficas amplamente usadas no processo da pesquisa de campo e a revisão do diário de campo seriam um caminho profícuo. Como objetivo geral, compreender, nas relações de quem pesquisa e de quem é pesquisado, questões relacionadas à sociedade de consumo e do descartável, à organização de sujeitos em processo de empoderamento e à relevância da etnografia crítica fora do ambiente escolar. Como resultados, destacam-se a importância do processo de formação do sujeito pesquisador e a necessidade de aprofundar os estudos sobre a subjetividade das relações sociais enquanto força motriz de práticas que contribuam para a compreensão de que a

¹ Mestre em Educação pela Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC). Atualmente é professora de Inglês e Português na Escola de Educação Básica Major Otacílio Couto e na rede municipal de ensino, atuando como professora de Língua Inglesa na Escola Básica Municipal Casimiro de Abreu.

² Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC). Coordenador Pedagógico do Curso de Extensão “Programa de Educação Superior para o Desenvolvimento Regional” (PROESDE) na UNIPLAC - Lages, SC. Coordenador no Programa de Extensão “Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares” (ITCP UNIPLAC).

pesquisa com pessoas implica em pesquisa com sujeitos, e não com objetos de estudo.

Palavras-chave: Educação. Etnografia crítica. Cooperativa de catadores.

Abstract: This article results of a critical ethnographic qualitative research conducted in a Master's Program in Education of a university in the interior of Santa Catarina, in 2018. The research subjects are associated with a Recycled Material Collectors Cooperative. Regarding the methodology adopted for this study, it was evident that the qualitative approach, in which the re-reading of the essay text, of bibliographic references widely used in the field research process and the review of the field diary would be a interesting choice. As general objective, to understand, in the relationships of those who research and those who are researched, the opportunity to problematize issues related to the consumer and disposable society, to the organization of subjects in the process of empowerment and the relevance of critical ethnography outside the school environment. As a result, the importance of the process of training the researcher subject and the need to deepen studies on the subjectivity of social relationships as a driving force for practices that contribute to the understanding that research with people implies research with subjects, and not with objects of study.

Keywords: Education. Critical ethnography. Waste collectors cooperative.

Introdução

O objetivo deste artigo é trazer, para um plano reflexivo-argumentativo, as percepções resultantes da pesquisa qualitativa-etnográfica-crítica realizada em uma universidade comunitária do interior do Estado de Santa Catarina durante a realização do Mestrado acadêmico em Educação, no ano de 2018.

Apresentar ao leitor o que se conseguiu observar em campo é uma escolha ética e política. Os sujeitos que participaram da pesquisa etnográfica que embasa as reflexões apresentadas neste artigo são trabalhadores associados a uma Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis.

Essa associação, segundo informações atualizadas em janeiro de 2019, é formada por 38 trabalhadores, todos com idade superior a 18 anos. (Notas do diário de campo). As informações e observações ora apresentadas foram obtidas em campo com a colaboração de todos os cooperados, à exceção de seis recusas, com apenas uma delas apresentada formalmente. Quanto aos associados que se recusaram a participar da análise em questão, foi-lhes assegurado o direito de não participar da pesquisa e de manter o mínimo contato com alguém “de fora”.

De maneira sequencial, apresenta-se neste artigo, a primeira aproximação com o *locus* que, posteriormente, tornou-se campo empírico da pesquisa etnográfica; a abordagem teórica que sustenta o modo como foi realizada a etnografia; apresentação de elementos significativos que se destacaram durante o processo de pesquisa e a sua análise à luz da teoria e do que foi apreendido e percebido no caminho percorrido.

A caminho da cooperativa

Nossa primeira aproximação com a Cooperativa de Catadores ocorreu por meio de uma visita da nossa turma do Mestrado em Educação, acompanhada pelos professores da disciplina “Processos culturais e educação”.

O que, para os outros acadêmicos pode ter sido o cumprimento de mais uma aula constante na grade curricular, para mim se apresentou como uma oportunidade de aprender a duvidar, estranhar, conhecer, anotar, interpretar e enriquecer os estudos que vinha realizando até então.

Quando chegamos ao barracão, era hora da pausa para o lanche. Alguns dos cooperados estavam fumando, outros tomavam café. Mas, percebi que nos olhavam com certo estranhamento e me senti uma invasora de espaços, como se eu não tivesse, de fato, o direito de estar ali. Eu nunca havia visitado uma Cooperativa que lidasse com separação e comércio de resíduos sólidos. Talvez tenha sido isso o que me impressionou. Mas fiquei de fato abismada com a realidade que encontrei. Os pacotes de resíduos prontos para comércio, os materiais prensados, uma espécie de esteira que oportuniza melhor organização durante a seleção dos resíduos, a vestimenta dos trabalhadores, com equipamentos de proteção individual. (Notas do diário de campo, julho de 2017).

A velha máxima de que “cada um vê o que quer ver” pode bem ser substituída por uma outra, talvez mais apropriada: “cada um vê o que consegue ver ou aquilo que suas vivências e sua historicidade lhe permitem ver”. Kosik (1989) entende que vivemos em um universo físico, mas substancialmente simbólico. Dessa forma, o mesmo mundo representa múltiplas realidades que implicam zonas distintas de significação.

Tudo aquilo que foi visto, sentido e pensado antes, durante e depois (sendo que a extensão deste último conceito vai muito além de um futuro próximo) da visita ao campo empírico representa uma ruptura quanto aos conceitos que eram tidos como verdades absolutas.

Quando saímos dos portões da universidade, para conhecer e “sentir” o relevo da cidade, já fui lançada à ideia de que pensei que a conhecia há precisamente 36 anos, já que nasci nessa cidade. Se alguém de qualquer outro lugar me faz essa pergunta, jamais diria que não a conheço. Porém, essa é a realidade que ora se apresenta ao meu entendimento. Não conheço a cidade. E talvez nunca venha a conhecer. Porém, há algumas partes dela que, agora, me são mais familiares. (Notas do diário de campo, julho de 2017).

Ao passarmos por construções populares oriundas de alguns programas destinados à distribuição de moradia para populações de baixa renda, ao passarmos pela Unidade Básica de Saúde existente no bairro recortado pela triste “sanga”³ de sacolas plásticas e roupas velhas, soubemos que aquela era uma área que, segundo informações trazidas pelos docentes, passava todo ano por processos de alagamento.

À medida que nosso grupo se aproximava do espaço físico em que se localizava a Cooperativa, fomos convidados a atentar para a periculosidade a que estavam expostos os trabalhadores naquele local, que posteriormente viria a ser o *locus* de minha pesquisa etnográfica.

Embora já tivéssemos em mente uma ideia do cenário que encontraríamos, não fomos menos surpreendidos quando lá estivemos:

³ Termo muito usado na região onde se realizou a pesquisa. Denominação comumente atribuída aos pequenos riachos com margens que geralmente não guardam mais do que três metros entre si.

Já saímos da universidade sabendo que conheceríamos uma Cooperativa de Trabalho de Catadores de Materiais Recicláveis. Mas não tínhamos conhecimento das implicações desse “conhecimento”. Nos caminhos de ida à Cooperativa, já quase chegando lá, observamos uma empresa que trabalha com combustíveis: [...]. Uma profusão de tanques, caminhões-tanque, dispositivos de carga e descarga de materiais inflamáveis, um enorme tanque de água para enfrentamento de incêndios... tudo isso se descortinou a nossa frente e, imediatamente do lado, a pouquíssimos metros, umas duas tentativas de construção civil abandonadas no meio do caminho. E, cercada por duas cicatrizes de cimento, pairava enfeitadas com embalagens vazias e coisas que não tinham serventia, a sede da Cooperativa. (Notas do diário de campo, 2018).

Quando colocamos os pés no piso de cimento recoberto por grandes sacos de materiais recicláveis, pacotes de resíduos já selecionados e devidamente prensados, latas cheias de fios de cobre (ali fomos lembrados pelos trabalhadores de que há quem roube os fios condutores de energia elétrica para vender) e outras minipeças sem valor aos nossos olhos, ali mesmo, começamos a desconstruir antigos conceitos. Não havia lixo lá; ou havia, a depender do modo como olhávamos.

Bauman (2005), ao descrever a liquidez das relações humanas, menciona a intensa produção de refugos pelo ser humano, e o descarte que lhes é dado, tanto para coisas, como para pessoas que, aos olhos da sociedade, já não apresentam serventia. De forma ilustrativa, o autor cita as cidades imaginárias de Ítalo Calvino, espaço em que as pessoas de Aglaura e Leônia tiram o lixo de seu entorno, criando, assim, novas cidades com a finalidade de alocar o lixo que produzem. Assim, a imensidão de resíduos que já não serve ao homem continua existindo, apenas não está mais em seu campo de visão. Visitando a Cooperativa, a impressão que se tem era de que o destino representava uma dessas cidadezinhas infames de Calvino.

É preciso destacar que esta observação não se deve à montanha de resíduos sólidos que será selecionada, mas, sim, às péssimas condições a que o Poder Público submeteu os trabalhadores que ali laboram. Não deixei de pensar que, não obstante a insalubridade do local, deve imperar a sensação, por parte do Ente Público, de que fez seu papel ao colocar tais pessoas naquele local, pouco ou nada importando as condições em que esse trabalho aconteça.

A prática confirmou o que a teoria já havia sinalizado veementemente, mas ainda não havia sido verdadeiramente internalizado: acostumada a um modo binário de ver e analisar a realidade - sempre acompanhada por elementos que direcionam o entendimento ao conceito de cidadania passiva -, estava vivenciando, naquele momento, o que entendi ser um claro exemplo de cidadania ativa .

Por estar, de certa forma, habituada à realidade em que construí minha identidade, na qual o dinheiro dita, muitas vezes, o grau de cidadania que uma pessoa pode exercer, e, assim sendo, quanto menos dinheiro se tem, menos influência se pode exercer na vida pública, invariavelmente fui conduzida ao pensamento de que os “refugos”, ou seja, os párias da sociedade não se governam, não se organizam, não influenciam a vida pública e política, tampouco são cidadãos. Pareceu-me que ser cidadão e ser “refugo” eram condições incompatíveis entre si.

Essa confissão nada tem a ver com o estigma da riqueza, mas sim, com o fato inegável de que o dinheiro dá ao sujeito o verniz social do consumo. Quem não tem dinheiro, não consome. Quem não consome, não é útil para o sistema capitalista, que rege a sociedade. Se não é útil é o quê? Antes de crucificar-me, veja com meus olhos e perceba que, de certo modo, minha lógica não estava de todo errada. Até mesmo porque os catadores de materiais recicláveis exercem o trabalho porque precisam do dinheiro que vem com ele, assim, serão consumidores. E assim, farão o caminho inverso que os levou até o lixo. (Notas do diário de

campo, julho de 2017).

Agora, buscando em minhas memórias o olhar para as expressões dos colegas de turma, e já conhecendo alguns trejeitos, ditados e silêncios que gritam muito, pode-se dizer que o impacto não se deu apenas sobre mim enquanto pesquisadora em campo; todos ficaram profundamente impressionados, cada um a sua maneira. Alguns falaram sobre suas angústias e sobre a indignação diante de um grupo que deseja trabalhar “honestamente”, mesmo sem o devido respaldo do Estado.

Nessas circunstâncias, desenrola-se a reflexão sobre o fato de nem todo mundo ser considerado cidadão. Para ser cidadão, é preciso querer viver de acordo com a norma e adotar uma conduta que implique merecimento. De um lado, há o trabalho e o salário que legitimam o direito à cidadania; de outro, há questões morais que implicam o reconhecimento, ou não, desse direito, ou seja, uma concepção um tanto restritiva e tendenciosa, uma vez que essa prerrogativa deveria ser implementada de forma automática para todos.

Assim, a “geração de refugos”, na qual os catadores de lixo podem se enquadrar, acaba submetida a questões de merecimento ou não merecimento do título de cidadania, este entendido como o direito de participar ativamente das decisões da vida pública e de ter acesso aos serviços públicos indistintamente.

Além de atrelar a concepção que se tem acerca do termo “cidadania” aos preceitos franceses, Benevides (1994) fomenta uma discussão sobre a correlação entre a moralidade e a cidadania, como se fosse possível haver escalas de cidadania, de forma a se considerar uma pessoa mais cidadã que outra:

A própria fórmula generosa do ilustre jacobino já trazia a sombra da dúvida: ter um coração francês entende-se como ser “patriota”, no sentido revolucionário do termo republicano. Mas, seriam igualmente patriotas o camponês espoliado, o intelectual enragé e o burguês financista? E quanto à exigência da virtude? Que virtude seria essa? A virtude republicana do amor à coisa pública, a virtude democrática do amor à igualdade, de que fala Montesquieu? É bem provável que se tratasse, na verdade, de inspiração rousseuniana. Em página célebre de O Contrato Social, Rousseau atribui a cidadania apenas àqueles que a merecem; ou seja, aqueles que tem a virtude cívica da disponibilidade ativa para o serviço da coisa pública. (BENEVIDES 1994, p. 6).

Ao menos uma indagação merece reflexões futuras à luz desse argumento: se o trabalho do catador é o que dá fôlego à sociedade e protela o seu inevitável soterramento em um mar de resíduos fétidos e sem serventia, por que esse mesmo profissional é confundido com o material que recicla? Mesmo na lógica de Montesquieu ou de Rousseau, se o seu trabalho pode diretamente auxiliar a sobrevida do planeta, como não categorizá-los como cidadãos tal qual os demais?

A universidade a que estamos vinculados possui uma Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares que, ao disseminar a economia solidária e acompanhar empreendimentos econômicos solidários na região, também incuba a Cooperativa de Catadores de Materiais Reciclados visitada.

Ouviu-se, para descrever o início da organização do grupo de cooperados, que alguém “foi lá no lixo e tirou nós de lá... e organizou nós...” (Notas do diário de campo, 2017). Duarte Jr. (2000), quando escreve sobre a construção da percepção que o sujeito tem da realidade, explicita o fato de que somos condicionados a perceber a sociedade de alguma forma, e esse condicionamento ocorre também em função da Língua e, segundo Bakhtin, do Discurso. Assim, a compreensão da realidade, das relações humanas e de nós mesmos perpassa pelo uso da linguagem. A criação de uma identidade, a

construção de relações sociais e a percepção da realidade possuem estrita relação com o modo com que fazemos uso da linguagem. Ela é, em última instância, a identidade um grupo social.

Assim, a partir do momento em que houve uma organização, ou seja, quando a categoria dos catadores foi organizada como uma classe, e deixaram de operar sozinhos, emergiu um sentimento de que não estavam largados à própria sorte. Essa organização foi o diferencial que possibilitou a esses trabalhadores a percepção de que o ciclo de segregação social estava arrefecendo. O uso que fizeram da linguagem, ao dizer que “foram tirados de lá” em muito expressa o sentimento de descontentamento de por tanto tempo terem sido negligenciados e igualados à matéria com a qual trabalhavam: o refugio, o resíduo daquilo que já não possui serventia.

Novamente se torna essencial pensar sobre o quanto a compreensão da realidade perpassa as representações singulares do indivíduo e como as questões da construção do discurso interferem na compreensão que a pessoa tem de seu papel na sociedade e de si própria, enquanto profissional e pessoa.

Tamanho e inquestionável é o poder da linguagem e do discurso, que influem diretamente sobre as relações dos sujeitos com a alienação e o consumo. Imediatamente surge a lembrança de Mézsáros em seu ensaio “A educação para além do capital”. Esse sociólogo entende que a obsolescência programada, a descartabilidade, o consumo incentivado e o desperdício são características e necessidades para se manter o sistema do capital. Nesse cenário, a educação é o que, justamente, mantém todos atrelados e fortemente apáticos a essa lógica capitalista: “A educação formal atua como um cão-de-guarda *ex-officio* e ‘autoritário’ para induzir um conformismo generalizado em determinados modos de internalização, de forma a subordiná-los às exigências da ordem estabelecida” (MÉZSÁROS, 2005, p. 55).

Neste contexto, a escola contribui para que a relação que o ser humano estabelece consigo mesmo, com seus pares e com os objetos que o rodeiam seja mantida em sólida estagnação. Desperdiça-se cegamente a oportunidade de apresentar ao aluno a possibilidade de questionar os modelos de consumo e os valores que vigoram na sociedade. Esta triste, porém inexorável, tendência acaba tendo amargos reflexos na vida pós-escolar: constroem-se adultos preocupados em demasia com sua (in)capacidade para o consumo, em detrimento da construção de valores sólidos, como a cidadania e a ética.

Castoriadis (2001) aproxima, sem abordar diretamente, o conceito de cidadania comumente utilizado ao conceito de autoria que pretendemos consolidar.

Adverte que:

A democracia representativa não é uma verdadeira democracia. Seus representantes muito pouco representam as pessoas que os elegem. Primeiramente, eles se representam a si mesmos ou representam interesses particulares, lobbies, etc. [...] Enquanto as pessoas deveriam habituar-se a exercer todas as espécies de responsabilidades e a tomar iniciativas, habitua-se a seguir opções que outros lhes apresentam e a votar por elas. (CASTORIÁDES, 2001, p. 27-33).

Emerge a compreensão de uma espécie de cidadania que é gratuita e de outro tipo, que é conquistada. Para refletir sobre cidadania, associam-se conceitos de passividade ou atividade, sendo a cidadania passiva aquela outorgada pelo Estado com a ideia moral do favor e da tutela, enquanto que a cidadania ativa institui o cidadão como portador de direitos e deveres, mas essencialmente criador de direitos para abrir novos espaços de participação política. (BENEVIDES, 1994).

O discurso de Benevides foi produzido, entre outras finalidades, para relacionar-se o engajamento do sujeito com as decisões políticas, partidos políticos e política de maneira mais abrangente, referindo-se aos rumos, inclusive, das políticas públicas. Porém, pode associar-se às especificidades que representaram as diferenças de um grupo que aceitou o que lhe era oferecido pela sociedade e pelo Poder Público para o grupo que foi para junto das lideranças políticas reivindicar aquilo que julgava ser seu de direito.

Há outro modo de pensar e praticar a economia. Há outra maneira de pensar a sociedade. Também há alternativas para aniquilar a segregação social e para extirpar a geração de refugos inanimados e/ou vivos. Há parcelas cada vez mais significativas na sociedade que estão engajadas com as questões de protagonismo social e de resgate da cidadania e, nesse conflitante contexto, com a promoção da autoria do sujeito muitas vezes esquecido socialmente.

Porém, esse resgate, longe de ser baseado em padrões utópicos de realidade, implica gestão de conflitos, quebra de paradigmas aceitos como verdades absolutas e empoderamento dos sujeitos. Não há heróis, nem há finais felizes possíveis se não houver uma luta por garantia de direitos, inclusive, do direito de trabalhar.

Em um dado momento da visita à Cooperativa, saímos para conhecer um certo barracão - onde ocorre o processamento dos resíduos - que abriga em seu interior sonhos de liberdade, de melhores condições de vida para famílias e gente que não é refugio. Lá, aprendeu-se que a educação precisa acompanhar e/ou promover as transformações de uma sociedade que não se contenta (nem se sustenta) mais com um só jeito de viver.

Discussão do método

O método da pesquisa qualitativa-etnográfica-crítica tem em Paulo Freire um de seus principais teóricos. Segundo Carspecken (2011, p. 396), a partir daquele pensador, “a pesquisa e a pedagogia foram combinadas para que a geração de conhecimento, a conscientização e a mobilização por mudança social se juntassem.” Atribui-se um novo sentido à relevância social e científica do estudo, quando há a reflexão sobre práticas que impliquem transformação social. O que se quer determinar é uma espécie de compromisso ético, político e social do pesquisador, a partir do momento em que não atua apenas como descritor da realidade, mas sua prática de pesquisa também é uma prática de consciência, para si e para o outro.

Carspecken (2011, p. 397) ratifica esse entendimento:

A pesquisa qualitativa crítica procura compreender a si mesma como uma prática que trabalha com pessoas para conscientizar criticamente, em vez de meramente descrever a realidade social. Um projeto de pesquisa qualitativa crítica tipicamente será um projeto em conscientização. Funcionará com pessoas para transformar maneiras implícitas do conhecer em formas explícitas e passíveis de julgamento de conhecimento discursivo. Contribuirá diretamente para a mudança social e, assim, não só ao informar decisões políticas.

A pesquisa participante tem raízes em modelos de combinação de pesquisa com ativismo social, enfatizando a liderança comunitária e relações igualitárias (FALS-BORDA e RAHMAN, 1991). “As etnografias críticas buscavam descrever processos sociais opressivos, na maioria das vezes em escolas, sem trabalhar diretamente com os participantes nem se engajar diretamente em esforços que

contribuíssem para a mudança social além da publicação de seus resultados” (CARSPECKEN, 2011, p. 396).

Fato contrário à intencionalidade dessa pesquisa, porquanto haver participação regular junto do grupo estudado⁴, em face do trabalho voluntário desenvolvido há, pelo menos, 18 meses.

Característica peculiar da pesquisa qualitativa-crítica é o entendimento que se tem a partir dos atos comunicativos, tendo a comunicação importante carga da subjetividade, da normatividade e intencionalidade únicas em cada ser humano (CARSPECKEN, 2011, p. 404). Os três domínios distintos da situação comunicativa básica estão relacionados a três tipos de afirmações de validade que se apresentam em cada um e em todos os atos comunicativos. Compreender o sentido é entender esse agrupamento de afirmações de validade, ou seja, mesmo atos de sentido não-linguísticos envolvem esses três tipos de afirmação de validade.

Explicitando os passos seguidos para a realização da pesquisa qualitativa-crítica, é pertinente citar Mainardes e Marcondes (2011, p. 431), que descrevem os cinco estágios da etnografia: “observação e descrição; análise de dados de observação; geração de dados dialógicos; análises para descobrir relações entre indivíduos, grupos e sistemas; uso do sistema de relações para explicar as conclusões (achados) da pesquisa”.

Sobre esse processo descrito tanto acima como logo abaixo, no quadro 1, é justo destacar que seria extremamente enganoso pensar em um sistema linear de raciocínio, como se fosse uma receita a ser simplesmente seguida. Embora aos olhos do leitor essa possa parecer uma obviedade que não mereceria registro, pode haver sempre alguém desavisado que julga fácil considerar metodologias de pesquisa, como se fossem protocolos simplificados de coleta e sistematização de dados. A etnografia mostrou-se peculiar por ser única e, embora outros trabalhos tenham sido lidos no sentido de conhecer, aprender, percorrer caminhos já percorridos por outros (por meio da leitura), provavelmente tão diferentes sejam as etnografias quanto o são, os etnógrafos.

Neste sentido, tão significativo quanto o papel bem desempenhado do orientador, é o ato de estudar sobre a etnografia, que fornece pistas sobre a maneira de proceder (ou de não proceder) em campo e mesmo depois que o pesquisador o deixa para a análise dos dados de quando esteve em campo, e para a explicação e conclusão de seus estudos.

⁴ Realizamos oficinas semanais que os estudantes (em uma média de 16 a 18 associados por encontro), preferiam chamar de “aula”. Em níveis diferentes de alfabetização e letramento, esperavam de mim uma prática que desenvolvesse suas habilidades de leitura e compreensão de textos, bem como suas habilidades de escrever. Eu esperava de mim que eu conseguisse contribuir para o desenvolvimento da autoria do grupo, no sentido plural da palavra, a partir da etnografia crítica participante.

Quadro 1: Cinco estágios da pesquisa qualitativa-crítica definidos por Carspecken

| Quadro 1: Cinco estágios da pesquisa qualitativa crítica definidos por Carspecken | | | |
|--|--|--|---------------------------------|
| Estágio | Descrição | Coleta de dados | Análise |
| 1 | Construção de registros primários: o que está acontecendo? | Pesquisa de campo: observação naturalística, dados monológicos, reflexão | Reconstrução cultural (“etic”)* |
| 2 | Interpretação do pesquisador | Análise reconstrutiva primária | Reconstrução cultural (“etic”) |
| 3 | Geração de dados dialógicos (estágio colaborativo) | Pesquisa de campo: observação participante, interação, entrevistas, reflexão | Reconstrução cultural (“emic”) |
| 4 | Descrição do sistema de relações (contexto mais amplo) | Descoberta do sistema de relações entre locais, lugares e culturas | Análise de sistema (“etic”) |
| 5 | Explicação dos sistemas relacionais | Ligação dos achados da pesquisa com macroteorias (explicação) | Análise de sistema (“etic”) |

Fonte: Hardcastle et al., 2006, p. 153. APUD: MAINARDES e MARCONDES (2011, p. 440)

Quando se escreve sobre o processo de tratamento e análise de dados, os três primeiros estágios implicam a reconstrução cultural e os dois últimos, em análise de sistema. Sobre o modo de abordar os dados para análise, o primeiro, o segundo, o quarto e o quinto estágios seguem a abordagem “etic”, enquanto que o terceiro estágio segue uma abordagem que o pesquisador denomina “emic”. É como se o sujeito fosse estudar o rio, mergulhasse para estudar de perto e, o tempo todo, olhasse para além das margens que o limitam, a fim de ver relações, condicionamentos e possibilidades.

Em uma linguagem acadêmica, os termos “emic” e “etic” são abreviaturas de *phonemic e phonetic*. A abordagem “emic” encoraja a escuta atenta dos sujeitos, com o objetivo de compreender as categorias nativas dos significados, ato que deve preceder comparações com outras culturas. “Etic”, por sua vez, significa o uso de categorias pré-estabelecidas para organizar e interpretar dados, em vez do uso de categorias reconhecidas dentro da cultura que está sendo estudada. Um ponto de partida “etic” pode ser considerado externo e distante da cultura que está sendo observada (DAMEN, 1987; MAINARDES, 2009).

É o caso, por exemplo, do ato de estudar a categoria “autoria” em um grupo social cuja cultura possa ter indícios de sua presença (ou ausência) sem reconhecê-la, sistematicamente. A presença dos indícios não se deu apenas por meio do acesso às memórias dos sujeitos, mas por meio de enunciados, movimentos, silêncios, pausas e reticências. Tornou-se necessário considerar e compreender o sentido, portanto, do dito e do não-dito e as suas significações para os sujeitos e para o estudo em questão.

Mainardes e Marcondes (2011, p. 429) descrevem o perfil provável de alguém que se propõe a realizar uma pesquisa etnográfica-crítica-participante:

Os etnógrafos são criadores ativos ao invés de sujeitos passivos de narrativas ou eventos. A etnografia exige um envolvimento pessoal ou intelectual com os sujeitos. O pesquisador parte do estudo da literatura e reflexão sobre questões mais amplas como uma forma de

selecionar os tópicos que serão incluídos na pesquisa. As fontes de pesquisa podem ser uma pessoa, um grupo, documentos ou qualquer artefato que incorpore significados culturais.

Ainda, nas palavras de Madison (2005, apud MAINARDES e MARCONDES, 2011, p. 430), a etnografia crítica é parte do compromisso do pesquisador cujo trabalho contribui para a análise de injustiças em um contexto específico: o senso de dever baseado nos princípios morais da liberdade humana e do bem-estar e compaixão com o sofrimento dos seres humanos. Há uma obrigação moral de contribuir para mudar as condições em direção a uma maior liberdade e equidade. É com esse espírito de compromisso social, de responsabilidade ética, de curiosidade epistemológica, de rigor metódico e, acrescentando-se, de humildade para reconhecer o outro em um diálogo baseado na horizontalidade e na alteridade, que se ergueram os pilares de sustentação da pesquisa realizada.

Apresentação dos dados, discussão e resultados

Para a realização da etnografia, o processo de coleta de dados se deu por meio de revisão bibliográfica. Em campo, como instrumentos de coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, bem como registros em Diário de Campo decorrentes da observação do cotidiano da cooperativa.

As entrevistas representaram um processo formativo de profundo significado:

Diário de Campo, sou obrigada a te dizer que, mesmo tendo mudado as perguntas depois da qualificação, agora compreendo a minha imaturidade e o meu pouco preparo ao imaginar possíveis cenários de resposta para algumas questões que elaborei. O que me salva é justamente a possibilidade trazida pela etnografia que considera as perguntas como elementos que direcionam a conversa, ao invés de engessá-la. [...] Ainda não fiz todas as entrevistas. Ao contrário. Mas, mesmo tendo modificado o roteiro depois da banca de qualificação, ainda percebo a minha falta de competência ao reelaborar as questões.

O que eu quero registrar aqui nessas páginas que não rejeitam nada, é que há várias formas de identificar os indícios ou findings (pra falar de Carspecken) sem expôr a pessoa, sem colocá-la em confronto direto com elementos que contribuam para minar a sua já tão frágil autoestima. Às vezes, como tenho comprovado, não é a pergunta que está errada. É o jeito de perguntar. Por isso, tenho me valido de alternativas tais como expressão corporal, expressão facial, tom de voz, o modo de olhar, para dar o tom do que eu quero descobrir. Eu, que lido com palavras escritas ou ditas (o dia inteiro) tenho precisado deixar bem claro com minhas atitudes durante a entrevista, que não se trata de julgamento, mas de pesquisa, já que não soube sopesar as palavras que formam algumas das minhas ingênuas perguntas. (...) É o preço que estou pagando por, agora, estar fazendo a primeira pesquisa de campo com seres humanos cuja temática aborda diretamente e escancaradamente a desigualdade social e a invisibilidade comum à parcela das pessoas que são a sociedade. Assim, *mea culpa*, fui adequando às perguntas de modo a não ofender ou ser a agente de um claro ato de violência cultural tendo a dona Jandira⁵ como vítima.

Ela, tão querida e solícita, respondeu como pode e soube, tão verdadeira e simples, tão ingênua e confiante, vendo-me como a professora que ela encontra semanalmente na cozinha da Cooperativa.

Eu, tão envergonhada e confusa, perguntei como pude, para não ferir alguém que, durante a entrevista, me chamou de “amiga” e, por isso, por eu ser amiga, “me contava” coisas de sua vida que poucas pessoas sabiam. A partir de que ponto, diário, a gente deixa de ser gente,

⁵ Todos os nomes trazidos foram escolhidos pelos participantes da pesquisa, a fim de garantir-lhes o anonimato e a privacidade. Os fatos são reais, mas os nomes são fictícios.

para tornar-se pesquisadora? Eu quero ser cientista da educação, mas não às custas do bem querer de outras pessoas... Em virtude disso, é importante resgatar o artigo “Pesquisa em versus pesquisa com seres humanos”, de Luís R. Cardoso de Oliveira (in VÍCTORA et al, 2004, p. 33-34), cuja temática está sempre relacionada à ética e antropologia em suas prováveis relações. (Notas do diário de campo, p. 85, 2018).

Ao estudar sobre a etnografia e suas implicações na vida dos sujeitos, já havia se desenvolvido a compreensão de que todos os envolvidos na pesquisa são afetados de maneira multidimensional, em maior ou menor intensidade, por pouco ou muito tempo. Todavia, talvez de maneira inconsciente ou arrogante, tenha havido a equivocada leitura de que a maior transformação se daria nas vidas dos trabalhadores.

Já são 9:30 horas quando iniciam os trabalhos de separação de material. Peço para fazer a entrevista com seu Agenor. Ele chega na cozinha, nosso espaço de conversas. Lírio está organizando a pia. Diz que vai continuar seu serviço, a menos que o “Agenor véio” queira que ela saia. Seu Agenor brinca, dizendo que ela não incomoda, mas que tem serviço lá fora. Ela retruca, dizendo que decerto eles vão comer lixo, daí, se ela for e não fizer o almoço. Rimos, nos acomodamos na extremidade da mesa.

Seu Agenor ainda aparenta um pouco de desconforto. Limpa as mãos nas calças. Eu vejo isso e arredo umas migalhas de pão da mesa com minha mão mesmo. Limpo as minhas mãos nas calças também. Coloco minha pasta embaixo das folhas, pra garantir. Pergunto se ele sabe do que se trata. Ele diz que é por causa do livro que eu estou escrevendo sobre a Cooperativa. Eu explico como é o “livro” que, na verdade, é uma dissertação e que, mais que sobre a cooperativa, é sobre as pessoas da cooperativa. Ele ri. E me pergunta: “Não é tudo a mesma coisa?” Eu sinto um chacoalhão. Digo que bem na verdade ele é que está certo, porque a Cooperativa sem as pessoas não é nada. (Notas do diário de campo, p. 48, 2018).

A descrição anterior é um exemplo claro da relação desenvolvida com base na solidariedade, na generosidade e na sabedoria dos entrevistados. Todavia, nem tudo aconteceu de forma harmoniosa no processo de coleta de dados. A descrença, a esquiva e, por vezes, a forma cética de olhar para outra pessoa, de outro ambiente, pode ser percebida no seguinte trecho.

Solicitei permissão para dar continuidade às entrevistas e perguntei a ela quando poderíamos conversar, porque eu gostaria de entrevistá-la também. Ela disse “Ah, quando você quiser!” Eu disse, muito oportunista: “Pode ser agora, então?” Ela rapidamente recuou: “Ah, agora não dá. Porque eu tenho um monte de coisas pra fazer! Mas fica a vontade, vê quem você vai entrevistar e outra hora você me entrevista.” (Notas do diário de campo, p. 85, 2018).

Alicerçada nas palavras de Oliveira (2008), que descreve o roteiro da entrevista semiestruturada como guia para uma conversa permeada pela informalidade (ainda que seguisse o roteiro previamente estabelecido), a fase da coleta de dados foi marcada por diálogos simples, reveladores, honestos e emocionantes; por silêncios tão reveladores quanto as palavras; por lágrimas e sorrisos; pelo efetivo reconhecimento do outro. Havia a intenção de também utilizar entrevistas narrativas, seguindo outro roteiro. Entretanto, devido à abertura e à proximidade do que seria conversado, já na primeira entrevista semiestruturada, excluiu-se essa possibilidade, por elas mesmas terem características de narrativas, dado o comportamento dos sujeitos.

Tenho a dizer, desse processo autoformativo do qual tenho sido protagonista, que modifiquei, gradativamente, a compreensão do que significa exatamente pesquisar em e pesquisar com seres humanos. Teoricamente, poderia ter assimilado as palavras e o conceito

da ética na pesquisa, mas buscando respaldo nas ideias de Davydov (1988), ao considerar que o aprendizado se dá a partir que o estudante percorre os passos feitos pelo pesquisador e, ele mesmo, se torna pesquisador, sou capaz de afirmar que só agora ao refletir sobre minha prática junto dos sujeitos de pesquisa é que sou capaz de compreender a verdadeira dimensão do que li anteriormente. Embora o processo de pesquisa não seja uma atividade de estudo devido a sua forma e intencionalidade, em essência, serve de exemplo quando pensamos que só se aprende caminhar, caminhando. Há enorme subjetividade que permeia os diálogos entre os sujeitos. Vejamos: mesmo quando há a aprovação do comitê de ética em pesquisa, e mesmo que a entrevistada não verbalizasse o modo como se sente ao responder perguntas que a colocam na posição de objeto de estudo, ainda assim cabe ao pesquisador essa análise crítica sobre a própria prática de pesquisa. (Notas do diário de campo, p. 88, 2018).

Quanto mais estamos em campo e mais próximos nos colocamos em relação ao objeto de estudo e aos sujeitos que dele participam, somos invadidos por um sentimento de humanidade, e vamos nos familiarizando com o que era estranho no início da pesquisa, de tal maneira que, se não tivermos um Diário de Campo honesto e encorpado para nos avisar disso, já não estranharemos mais nada.

Dois exemplos são trazidos para ilustrar o que se diz:

Causou-me estranheza o modo de lavar a louça na Cooperativa. Noto que a água das louças escorre entre a pia e o fogão, tal é a rapidez e a continuidade do ato de lavar, enxaguar e guardar os copos e panelas, por exemplo. No início, pensei: ‘Que estranho modo de lavar a louça e sujar o chão...’ Mas a cozinha tornou-se um espaço de diálogo, de aprendizado, de estreitamento de laços entre mim e os sujeitos da pesquisa. Grande parte da pesquisa firmou-se a partir dos diálogos estabelecidos entre as paredes brancas desse cômodo da Cooperativa. Hoje, precisamente agora, Diário de Campo, interrompi-me em meio ao trivial ato de lavar a louça em minha própria casa, porque me vi fazendo isso exatamente do mesmo jeito que observo no campo em que realizo a pesquisa... (Notas do diário de campo, 2018).

É nesse contexto que o Diário de Campo legitima a pesquisa etnográfica, tanto quanto as entrevistas realizadas, pois ele contém elementos corriqueiros que retratam (apesar da subjetividade de qualquer pesquisador), de maneira bastante detalhada, o *modus vivendi* daqueles que foram sujeitos do estudo. Seja o Diário descritivo, analítico ou íntimo, é crucial que seja lido posteriormente como quem lê tanto um relatório rigoroso e objetivo, como quem lê um romance. Ambas as leituras apresentam fenômenos diferentes aos olhos de quem procede à análise de dados.

O pessoal chegou e, entre diálogos incompreensíveis, escuto um dos trabalhadores me questionando o que que eu tanto escrevo no meu caderno... Expliquei, então, tratar-se de um tipo de caderno de notas, um diário, em que eu anotava detalhes da rotina da cooperativa, para poder analisar depois, ao passar para o computador. Dona Jandira disse: “Você não seja burro! Ela já não disse que era a nossa história que ela ia contar?!” O assunto não prosseguiu porque fomos todos tomar café. Não entrei em mais detalhes para não influenciar no modo como eles se relacionam quando eu estou presente. (Notas do diário de campo, p. 79, 2018).

Nessas circunstâncias, por experiência que antecedeu o conhecimento teórico, foi possível inferir que não seria exitoso escrever o Diário *de* Campo *em* campo, tampouco levá-lo para o ambiente da Cooperativa; não havia como observar e registrar ao mesmo tempo. E foi, nessa fase de adiantado tempo de presença no lócus da pesquisa, por necessidade, que foi lido o artigo de Rocha e Eckert (2008), cujas palavras destacam a diferença entre o caderno de notas do antropólogo e o seu Diário de Campo. O que se fazia, na verdade, era anotar elementos importantes para, então, escrever o diário, em outro ambiente.

Evidentemente que o diário de campo não é algo que possa ser escrito ao mesmo tempo em que me encontro compartilhando com os outros suas vidas, no dia a dia! Ele resulta de outro instrumento: o caderno de notas. É no caderno de notas de campo, onde o(a) antropólogo(a) costuma registrar dados, gráficos, anotações que resultam do convívio participante e da observação atenta do universo social onde está inserido e que pretende investigar; é o espaço onde situa o aspecto pessoal e intransferível de sua experiência direta em campo, os problemas de relações com o grupo pesquisado, as dificuldades de acesso a determinados temas e assuntos nas entrevistas e conversas realizadas, ou ainda, as indicações de formas de superação dos limites e dos conflitos por ele vividos. O caderno de notas e o diário de campo são instrumento de transposição de relatos orais e falas obtido desde a inserção direta do(a) pesquisador(a) no interior da vida social por ele ou por ela observada. (ROCHA e ECKERT, p. 15, 2008).

O Diário de Campo não é um instrumento pessoal no sentido romantizado do termo. Deve, por óbvio, trazer detalhadamente os acontecimentos do dia da observação para posterior reflexão e análise. Há que se deixar registrado, sobre o diário, entretanto, quatro situações que merecem destaque: primeiro, que foi preciso aprender a escrever o diário; segundo, que foi preciso aprender a olhar o contexto de forma atenta e minuciosa; terceiro, que foi necessário aprender a selecionar informações relevantes para a pesquisa; por fim, foi necessário afastar-se do Diário e retomá-lo com estranhamento, em uma nova leitura do campo empírico.

Outro fato que mostrou o momento de afastamento, ainda que temporariamente, do campo empírico, desenrolou-se a partir da observação das pessoas que acompanhavam nosso grupo de estudo à Cooperativa, vez ou outra. Como realizávamos oficinas de leitura, escrita e autoria, era comum irmos acompanhados de uma ou outra colega professora, a quem, sutilmente tentávamos sensibilizar para a importância de voluntariar-se, de conhecer e reconhecer as pessoas que lá trabalham. Ocorre que, em determinado momento, ao concluir as atividades, saindo da Cooperativa, a pessoa que nos acompanhava disse: “como é que eles aguentam o cheiro?”. Imediatamente, perguntamos a ela: “Que cheiro?”, já que não notávamos cheiro ruim algum, o que é mesmo de se estranhar, já que os resíduos com que eles trabalham têm um odor muito peculiar.

Sobre a análise dos dados, descreve-se o quinto estágio da pesquisa qualitativa-crítica, que é trazido por Carspecken:

Usando o sistemas de relações para explicar os achados (findings).” Nesse estágio, o nível de inferência aumenta consideravelmente, uma vez que se busca explicar os achados nos estágios anteriores com referência ao sistema social mais amplo. Uma variedade de conceitos torna possível relacionar a análise reconstrutiva com teorias de sistemas. Se bem sucedido, um pesquisador crítico será capaz de sugerir razões pelas quais as experiências e formas culturais sejam reconstruídas, relacionando-as com classe, gênero, raça e estruturas políticas da sociedade. Frequentemente é este quinto estágio que realmente dá a um estudo a sua relevância e faz com que ele seja uma contribuição real à mudança social (CARSPECKEN, apud MAINARDES e MARCONDES, 2017, p. 433).

A análise dos dados, depois de coletados e devidamente sistematizados, deu-se por uma relação entre os achados teóricos e as observações no lócus da pesquisa, indo adiante. (MAINARDES e MARCONDES, 2011).

Sobre a interpretação e análise, é importante identificar os meios pelos quais os símbolos da cultura criam relações desiguais de poder, limitações ideológicas, crenças, normas e outras forças que

distribuem os bens de forma desigual. Compreender a sociedade como um grande conjunto de engrenagens possibilita desenvolver o raciocínio voltado para a forma de manter algumas pessoas em situação de desvantagem para beneficiar outras, às custas da restrição da participação social e política mais completa de quem fica em situação constante de vulnerabilidade.

Considerações finais

Não se tratou a etnografia crítica, apenas, de a pesquisadora conhecer os entrevistados. Tratou-se, também, de a pesquisadora deixar-se conhecer. A entrevista, talvez por seu caráter mais intimista, foi desvelando facetas dos pesquisados e da pesquisadora. Portanto, o não-dito, as lágrimas, os olhos que se desviaram, a cabeça que se inclinou para baixo em sinal de derrota ao falar do abandono da escola ou até a resignação do olhar de quem disse que ninguém olha a pessoa, “já acha que todo mundo é lixo, antes de conhecer”, esses elementos são como uma linha discreta que vai costurando as relações estabelecidas entre entrevistados e a pesquisadora.

Considerando que nunca está pronto o trabalho etnográfico, uma vez que as pessoas nunca dizem tudo de si (por, também, não saberem tudo de si), enfatiza-se que não há uma linha a ser cruzada no sentido de assegurar que tudo o que havia para saber, foi “sabido”; mas, por experiência, é possível dizer que quanto maior é a permanência em campo, quanto mais natural é para os entrevistados a presença da pesquisadora, maior é a probabilidade de emergirem dados encobertos pela desconfiança e pela resistência de um grupo social. Fato esse que nos leva a refletir sobre a importância do Diário de Campo e do modo de registro efetuado nesse caderno, que deve ser científico e íntimo ao mesmo tempo.

Primeiro, foi preciso aprender a escrever o diário; segundo, foi preciso aprender a olhar; terceiro, foi preciso aprender a selecionar informações relevantes para a pesquisa; e, por fim, foi necessário afastar-se do Diário e retomá-lo com estranhamento, em uma nova leitura do campo empírico.

O não-estranhamento, por sua vez, implica um grande problema para a etnografia, especialmente para a etnografia crítica, realizada com base em Carspecken e aqueles que convergem com ele em princípios éticos e metodológicos. Éticos, porque a observação participativa comum à etnografia crítica requer equilíbrio e bom senso do pesquisador, a fim de que não se desvie dos objetivos de sua pesquisa (lembrando que há sempre conflitos, relações de poder, interesses vários e diversos pontos de vista sobre uma mesma realidade). Metodológicos porque, assim como o estranhamento absoluto é uma venda para os olhos do pesquisador, a familiaridade igualmente o cega, impedindo-o de “achar” elementos culturais comuns ao grupo que estuda cotidianamente.

Em suma, tomada em perspectiva educacional, considera-se a etnografia um método de pesquisa que traz em si os elementos que permitem a transformação do grupo pesquisado e, talvez em iguais ou maiores proporções, a transformação do próprio pesquisador. Há, a partir do reconhecimento da outricidade, em termos individuais ou coletivos, o confronto consigo mesmo. O pesquisador é obrigado a voltar-se para a própria cultura, para os esteios que o mantêm sendo quem é e, então, refletir sobre uma prática interventiva significativa não apenas como cientista social, mas como ser humano, principalmente.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BENEVIDES, Maria Vitória Mesquita. Educação para a democracia. **Revista Lua Nova**. No 38. 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n38/a11n38.pdf>, acessado em 19 de junho de 2017.
- BORBA, Siomara; VALDEMARIN, Vera Tereza. A construção teórica do real – uma questão para a produção do conhecimento em educação. **Currículo sem Fronteiras**, v. 10, n. 2, p. 23-37, 2010. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol10iss2articles/borba-valdemarin.pdf>, acesso em 05/06/2018.
- CARSPECKEN, Phil Francis. Pesquisa qualitativa crítica: conceitos básicos. **Educação & Realidade**, v. 36, n. 2, 2011.
- CASTORIADIS, Cornelius. **Pós-scriptum sobre a insignificância**. Entrevista a Daniel Mermet. São Paulo: Veras Editora, 2001.
- DUARTE JUNIOR, J. F. **O que é realidade**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- FALS-BORDA, Orlando; RAHMAN, Md Anisur. (Orgs.). **Action and knowledge: breaking the monopoly with participatory action research**. Londres: Intermediate Technology, 1991.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. Cortez editora, 1989.
- GEERTZ, Clifford, 1926-. **A interpretação das culturas** / Clifford Geertz. - 1.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- KOSIK, Karel. O Mundo da Pseudoconcreticidade e a sua Destruição. In: **Dialética do Concreto**. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- MAINARDES, Jefferson; MARCONDES, Maria Inês. Entrevista com Stephen J. Ball: um diálogo sobre justiça social, pesquisa e política educacional. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 106, p. 303-318, jan./abr. 2009. DOI: 10.1590/s0101-73302009000100015 MAINARDES, Jefferson; MARCONDES, Maria Inês. Reflexões sobre a etnografia crítica e suas implicações para a pesquisa em Educação. **Educação & Realidade**, v. 36, n. 2, 2011.
- MÉSZÁROS. István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005. OLIVEIRA, Cristiano. Lessa. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Revista Travessias**.v. 2, n. 3, p. 1-16, 2008.
- ROCCA, Graciela Alessandra Dela. LOCKS, Geraldo Augusto, STEFENON, Stéfano Frizo. SALMÓRIA, Edson Zampieri, PESSOA, Nicole Martins Machado, FERREIRA, Fernanda Cristina Silva. **Incubação do Empreendimento Econômico Solidário «Renascer da Cidadania» e a reforma de suas instalações elétricas**. 2016. Revista Espacios. Vol. 38 (Nº 14) Año 2017. Disponível em: <http://www.revistaespacios.com/a17v38n14/a17v38n14p11.pdf>, acessado em 19 de junho de 2017.

Recebido em: 17/11/2019

Aceito em: 28/07/2020